

Do Átomo ao Arcanjo

© 2018 — Conhecimento Editorial Ltda

Do Átomo ao Arcanjo
Excerto das obras
O Evangelho à Luz do Cosmo,
O Sublime Peregrino, Mensagens do Astral,
Missão Planetária, Mensagens do Grande
Coração e Era uma Vez um Espírita
Ramatis e Akhenaton

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-0143

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-462-1

1ª edição - 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Ramatis (Espírito)

Do Átomo ao Arcanjo : a evolução da consciência / obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatis aos médiuns Hercílio Maes, Sávio Mendonça, América Paoliello Marques e Mariléa de Castro. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.

132 p.

ISBN 978-85-7618-462-1

1. Consciência 2. Evolução 3. Espiritismo
I. Maes, Hercílio, 1913-1993. II. Marques, América Paoliello III. Mendonça, Sávio IV. Castro, Mariléa de

18-2042

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo : Consciencia 133.93

Ramatís

DO ÁTOMO AO ARCANJO

Obra mediúnica ditada pelo espírito
Ramatís aos médiuns

Hercílio Maes,
América Paoliello Marques,
Sávio Mendonça e
Mariléa de Castro

Coletânea de textos retirados das obras:

O Evangelho à Luz do Cosmo
O Sublime Peregrino
Missão Planetária
Mensagens do Grande Coração
Era uma Vez um Espírita

1ª edição — 2018



Obras de Ramatís editadas pela Editora do Conhecimento

Psicografadas por
HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores - 1955
 - Mensagens do Astral - 1956
 - A Vida Além da Sepultura - 1957
- A Sobrevivência do Espírito - 1958
 - Fisiologia da Alma - 1959
 - Mediunismo - 1960
- Mediunidade de Cura - 1963
- O Sublime Peregrino - 1964
- Elucidações do Além - 1964
- Semeando e Colhendo - 1965
- A Missão do Espiritismo - 1967
 - Magia de Redenção - 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal - 1970
 - O Evangelho à Luz do Cosmo - 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) - 1999

Psicografada por
AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

- Mensagens do Grande Coração - 1962

Psicografadas por
SÁVIO MENDONÇA

- O Vale dos Espíritos - 2015
- Missão Planetária - 2016
- A Derradeira Chamada - 2017

Obs: A data após o título se refere à primeira edição.

É assim que tudo serve, tudo se enca-
deia na natureza, do átomo até o arcan-
jo, que começou sendo átomo.

O Livro dos Espíritos

Sumário

Introdução	9
Evolução	13
Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação	47
Jesus de Nazaré e o Cristo Planetário	93
Os devas	102
Os mestres e o Mestre	108
Os elementais ou espíritos da natureza	116
Os espíritas e a Lei da Evolução	125
Citações	131

Introdução

A escada de Jacó

A doutrina hoje ensinada pelos espíritos nada tem de novo; seus fragmentos são encontrados na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e se completam nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Allan Kardec
O que é o espiritismo

Quando os Espíritos enunciaram a Kardec os conceitos sobre a criação e o percurso evolutivo único para todos os seres, fizeram da **evolução** o **fundamento** da Doutrina Espírita, assim como o é da Lei Cósmica. A espinha dorsal do funcionamento do Universo é o impulso evolutivo, com a longa sequência de estágios que conduzem a centelha criada, inconsciente, no rumo da Consciência Cósmica do Criador.

Essa revelação não constituía absoluta novidade no planeta – como a genialidade de Kardec logo constatou. As filosofias orientais, notadamente o hinduísmo, a crença egípcia e os mistérios da velha Grécia, herdeiros do Conhecimento Único que foi transmitido pelos iniciados desde os templos da Atlântida, trouxeram desde sempre embutidas as velhas verdades que não podem mudar, sobre o homem e o Universo.

A novidade foi a divulgação dessas verdades no Ocidente, à luz do dia, de forma ampla e ao alcance de quem as quisesse assimilar.

O mundo estava pronto para esse salto consciencial. A mentalidade ocidental do século dezenove estava preparada,

depois das conquistas dos séculos precedentes. A Terra já tinha deixado havia muito de ser o centro do Universo; as religiões tradicionais já não detinham poder de vida e morte sobre as consciências. A astronomia dilatava aceleradamente as fronteiras do Cosmo, e as ciências da natureza o conhecimento sobre os vizinhos não humanos que partilhavam o planeta com o bicho homem.

E, surpresa das surpresas: dentro de dois anos, em 1859, Charles Darwin iria ratificar, em seu monumental *A Origem das Espécies*, a revelação feita ao professor Rivail: as espécies evoluem, e o homem nada mais é que o produto dessa evolução que é a lei da vida! Revolução na biologia e na visão do mundo, para todos os efeitos.

Mas os espíritos a trouxeram antes, essa ideia seminal e revolucionária! Num autêntico “furo de reportagem”, **dois anos antes**, em 1857, *O Livro dos Espíritos* trazia a bombástica revelação: TUDO EVOLUI e tudo se encadeia no Universo, do átomo ao arcanjo! Só existe um caminho a percorrer, para todos os entes criados^[1]. Sobre nosso parentesco imediato com os animais, aliás, foram taxativos^[2].

Isso era ir mais longe ainda que a revolução darwiniana, a qual, iluminadora e extraordinária como foi, podia apenas – como é evidente – considerar um segmento apenas dessa reta infinita que se estende do abismo às estrelas: a sequência de todos os *seres vivos*, do protoplasma dos mares primevos aos naturalistas de casaca que polemizaram, olhos arregalados de espanto, sobre as páginas daquela obra que sacudiu os alicerces do século XIX.

Portanto, dois anos antes, a sabedoria dos séculos fora transmitida, em toda a sua pujante realidade, pelos espíritos que instruíram o professor Rivail, e era exatamente a mesma verdade milenar que iluminara os sábios na penumbra dos templos iniciáticos de todos os tempos: TUDO EVOLUI E TUDO FAZ PARTE DE UMA CADEIA ÚNICA NO UNIVERSO. Foram explícitos os espíritos : *do átomo ao arcanjo, que começou sendo átomo*. Muito antes, portanto, dos humanos, e muito depois deles, a caminhada infinita da consciência se

[1] Vide Citações, ao final desta obra.

[2] “Embora isto fira o teu orgulho, o homem deve resignar-se a ver em seu corpo material o último elo da animalidade sobre a terra. O inexorável argumento dos fatos aí está” - *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec.

estende pelo Universo afora, numa gloriosa fraternidade de seres.

Estava delineado o caminho. Emergindo do obscurantismo egocêntrico, a humanidade foi forçada a confrontar-se com essa realidade constrangedora para os orgulhosos: somos nada mais que a resultante de alguns bilhões ou mais de caminhada das amebas aos primatas – °nossos primos próximos. Essa ampliação de consciência sequer foi assimilada devidamente pela humanidade, que continuou a destruir-se com a maior naturalidade em guerras mundiais e locais - chacinas perpetradas dentro do mesmo lar contra irmãos consanguíneos. Já os irmãos mais novos – animais – esses, coitados, não mereceram até agora acolhimento dentro do lar planetário em pé de igualdade com aqueles que ontem envergaram os mesmos trajes.

Porém, rolado um século da revelação kardequiana aco- plada à de Darwin, aproximando-se o terceiro milênio e a conquista de um novo patamar de consciência para a humanidade – leia-se, aquela porção dela já preparada para dar o salto no rumo da Nova Era – era preciso ir além. Forçoso preencher as lacunas deixadas pelos instrutores, definindo os degraus e ocupantes da monumental “escada de Jacó” que simboliza a trajetória evolutiva cósmica.

Os orientais já tinham deixado informações, muitas das quais passaram a ser resgatadas, no Ocidente, por doutrinas como a teosofia, a yoga, a rosacruz. O Grande Plano da criação – o Manvantara milenar da tradição hindu –, os devas ou anjos – estes, aliás, personagens bíblicos bem conhecidos, embora mal explicados – os elementais ou espíritos da natureza... Mas os espíritas pouco tinham a fazer senão passar em branco pelas lacunas dessa trajetória que leva do átomo ao ser humano, e depois dele ao arcanjo.

Entretanto em meados do século XX, retorna o mestre de Samos – o inconfundível filósofo da velha Grécia, agora sob o nome de Ramatis – a abrir os horizontes, ampliando para seus seguidores ocidentais o panorama da evolução sistêmica do Cosmo. A escada de Jacó, sob seus ensinamentos ditados a alguns médiuns, se povoou de anjos, devas e arcanjos, logos planetários e solares, espíritos da natureza e animais-irmãos-

-menores-do-homem (estes, sob intensos protestos de uma facção mais adepta de colocá-los na panela do que ao nosso lado, como companheiros de caminhada evolutiva).

O presente volume representa uma sistematização focada nesses ensinamentos, dispersos em várias obras de Ramatís, que integram a mesma temática: a evolução e seus degraus, que levam *do átomo ao arcanjo* sem hiatos nem incongruências.

Quem sabe, reconfortados com a perspectiva de em breve (pelos parâmetros cósmicos) podermos ser promovidos à categoria de mestres, depois à de anjos (com a opção de um estágio de especialização como devas) – já que Ramatís nos consola afirmando: “a distância que vos separa dos anjos é muito menor que a que vos separa dos ratos”, - tenhamos a coerência de olhar para os caminheiros da mesma senda com dose maior de tolerância, quando humanos, e de compaixão quando ainda não humanos, talvez cessando de destruir ferozmente os colegas que povoam a escola planetária, em classes menos adiantadas que a nossa.

Estamos, como o fez o nobre Pitágoras nesses textos, obedecendo à necessidade imperiosa apontada por Kardec,^[3] de prosseguir com o conhecimento e a difusão das verdades – já que a última palavra sobre a evolução está longe de ser dita. A Verdade, como já lembramos alhures, é do tamanho do Universo.

Paz a todos os seres!

Um discípulo da Grécia antiga
Mariléa de Castro

[3] “A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado”. – *A Gênese*, Allan Kardec.

Evolução

PERGUNTA: — Qual é o significado do aforismo que diz: “O homem foi feito à imagem de Deus”?

RAMATÍS: — Desde os tempos imemoriais, todas as religiões e doutrinas espiritualistas ensinam que Deus é a Inteligência Suprema do Universo, a Luz Eterna e Infinita, e que os homens são seus filhos na forma de “centelhas”, “chamas” ou “partículas luminosas”, também eternas e indestrutíveis.^[1]

No âmago da consciência individual de cada homem, Deus é o fundamento eterno e a unidade espiritual de todos os seres. Jesus também já afirmava, através do seu Evangelho, que o “reino de Deus está no homem”, ou que “o homem e Deus são um só”. Daí o motivo por que o Gênese, na Bíblia, também confirma que o homem foi feito à “imagem de Deus”, isto é, possui em si mesmo a miniatura de todos os atributos do Criador. O homem é um “minideus”, assim como a gota de água é um “minioceano”, conceito que os velhos mestres orientalistas já corroboravam há milênios, através do ensino de que o “macrocosmo”, ou o mundo grande, está no “microcosmo”, o mundo pequeno, assim como “o que está em cima, está embaixo”, ou seja, “o que está em Deus está em sua criatura”. Analogamente, pode-se dizer que o átomo em equilíbrio é a miniatura de uma constelação de astros, enquanto

[1] Nota do Médiun – Há certa semelhança entre alguns tópicos deste capítulo com o tema já explanado por Ramatís: “Deus”. Mas é praxe do meu mentor espiritual insistir e reviver os temas que ele julga mais complexos em nova vestimenta verbal, a fim de melhor entendimento do leitor.

uma constelação é um átomo cósmico.

PERGUNTA: — Qual é um exemplo mais correto do fato de o “macrocosmo divino” existir e conter-se na relatividade do “microcosmo humano”, que é o homem?

RAMATÍS: — Embora algo simplista, poderíamos explicar-vos, por exemplo, que o “macropinheiro”, isto é, a arau-cária, cujos ramos buscam o alto, forte e resistente, na sua configuração definitiva existiu inteirinho na miniatura do pinhão, ou seja, no “micropinheiro”. Assim que a semente de pinhão é plantada no solo, depois de certo tempo germina e, gradativamente, vence as adversidades do meio nos seus ajustes para a emancipação, até atingir a configuração gigantesca decisiva do pinheiro. É evidente que esse acontecimento ou fenômeno só se concretiza porque na intimidade do próprio pinhão há todo um pinheiro em estado latente, e seus atributos criativos despertam e se impõem tanto quanto faz o crescimento da árvore.

De modo semelhante, o espírito do homem também é ajustado ao solo das lutas cotidianas, onde deve romper a crosta da personalidade animal inferior, desenvolver os atributos de Deus existentes em sua intimidade espiritual, até alcançar a plenitude do anjo consciente, que é a sua Realidade Divina. Assim como, no fundo da terra, o pinhão modifica-se de semente para originar o pinheiro majestoso e adulto, o “homem velho”, produto dos instintos da animalidade, também deve morrer para em seu lugar renascer o “homem novo”, onde predominam os sentimentos e a razão, meios para a ascensão angélica.

O espírito do homem, entretanto, desperto, cresce incessantemente ampliando a consciência e o sentimento superior, desenvolvendo os próprios atributos divinos, porque o Criador é o fundamento criativo e eterno de toda individualidade humana. Assim, o espírito do homem é eterno e incorruptível, porque foi criado da essência eterna de Deus.

PERGUNTA: — Quereis dizer que, por sermos centelhas de Deus, que é eterno, nunca tivemos princípio, nem teremos fim?

RAMATÍS: — O espírito do homem é indestrutível, porque foi criado da essência eterna e inalterável de Deus. Mas,

embora esteja vinculado à “Consciência Cósmica”, é sempre uma consciência individual, que teve um princípio ou uma origem “pessoal” em certo espaço-tempo. Em consequência, houve uma época, ou um “momento”, em que o homem começou a ter noção de existir, como a criança a ter noção de si e do meio que a cerca. O homem também define-se e individualiza-se no Universo, figurando como entidade de importância e a caminho de desenvolver o poder criativo tanto quanto amplia a sua consciência.

Sob exemplo semelhante, o espírito do homem um dia iniciou a sua conscientização, individualizou-se sob o impulso de uma vibração centrípeta e, finalmente, se personalizou no seio da Divindade. Em seguida, a consciência espiritual do homem, centro indestrutível de sua individualização, prossegue no incessante crescimento psíquico qualitativo e, ao mesmo tempo, panorâmico, a fim de abranger cada vez maior volume ou porção da própria Mente Universal. O processo é contínuo e inexorável, porque se exerce estimulado e disciplinado pelo princípio: “o reino de Deus está no próprio homem”.

PERGUNTA: — Em consequência, o espírito do homem, embora seja eterno ou indestrutível, deve possuir uma idade sideral a partir da época ou do tempo em que iniciou a sua consciência particular e individualização no Cosmo?

RAMATÍS: — Convém distinguir a idade que limita a personalidade humana transitória, a qual existe somente entre o berço e o túmulo físico, em cada encarnação, comparada à consciência sideral, ou entidade definitiva e inalterável, que se individualiza e se desenvolve na sucessão de séculos, milhões, bilhões e trilhões de anos. Através do perispírito, que é um organismo preexistente e sobrevivente a todas as mortes físicas, a consciência espiritual indestrutível manifesta-se em cada existência humana, materializando um novo corpo físico transitório, mas sem perder o acervo e a memória das experiências de todas as vidas anteriores. No aprendizado periódico, que o espírito do homem realiza na superfície dos orbes materiais, ele desenvolve tanto os seus poderes latentes criativos, como passa a conhecer cada vez mais a sua própria individualidade.

PERGUNTA: — Qual seria um exemplo mais objetivo desse acontecimento?

RAMATÍS: — Apreciando o espírito, que é definitivo, em relação às inúmeras personalidades humanas modeladas nas sucessivas existências físicas, poderíamos supor a figura de um imenso colar, que aumenta sucessivamente no tempo e no espaço, pelo acréscimo incessante de novas contas, cada uma representando uma vida humana. Mas enquanto essas contas ou encarnações físicas podem variar na sua forma, cor, raça ou textura pessoal transitória, o fio que as une não muda, porque é o espírito imortal a sustentar as diversas personalidades encarnatórias ou organismos carnis a se substituírem sucessivamente na superfície dos orbes.

Não importa se, em cada encarnação ou cada conta desse suposto colar, a personalidade humana chama-se João, Nero, Maria, Gandhi ou Paulo de Tarso. O certo é que o fio do colar é a individualidade eterna, que se emancipa no tempo e no espaço, fichada nos “Registros Cármicos” por um código sideral definitivo.^[2]

Em cada existência física, o espírito plasma um tipo de organismo, cuja estrutura anatomofisiológica depende da herança biológica da família onde se encarna. Em seguida, recebe um nome adequado à raça ou parentela que lhe fornece a vestimenta anatômica, sem que isso lhe altere a identificação individual definitiva e figurada nos registros de origem sideral. A individualidade do espírito não se enfraquece, mas se desenvolve e se encorpa, tanto quanto for o seu comparecimento periódico às sucessivas vidas humanas.

PERGUNTA: — Poderíamos admitir que os graus inferiores e superiores, que distinguem a capacidade, a inteligência e a cultura inata entre os homens são mais propriamente diferenças de idade sideral?

RAMATÍS: — Sem dúvida, pois não há discrepância, privilégio ou graça na pedagogia divina. Todos os espíritos progridem lenta e incessantemente, sob o mesmo processo evolutivo, em consonância com a Sabedoria, a Justiça e o

[2] Os espíritos são classificados em “Departamentos de Reencarnações”, no mundo espiritual, sob uma determinada sigla e número que lhes identifica a individualidade permanente, pois os nomes e as personalidades transitórias são de menos importância. (N. de Ramatís.)

Amor de Deus.

O troglodita, por exemplo, ainda é um espírito infantil, que apura a sua sensibilidade psíquica através do exercício dos cinco sentidos físicos em adestramento no mundo. É criatura que mal engatinha no apercebimento de sua consciência sideral, demasiadamente imatura para impor o seu princípio espiritual sobre a força milenária das tendências animais. Jamais poderia manifestar um comportamento semelhante a Francisco de Assis, cuja idade sideral e conscientização perde-se nos registros da história planetária da vossa constelação solar. Seria tão absurdo exigir-se dos alunos primários as soluções sobre o princípio de relatividade consagrado por Einstein, assim como intimar Herodes para manifestar sentimentos de ternura, filantropia, estoicismo e renúncia, que são inerentes a um Vicente de Paulo.

É o tempo de vida da consciência de cada espírito, ou mais propriamente a sua idade sideral, que o situa na faixa vibratória eletiva ao seu maior entendimento psíquico, em vez do conhecimento ou da aquisição obtida na precariedade de uma existência física. Assim como a criança, que sob a disciplina do mundo, desenvolve-se protegida até alcançar a condição de homem adulto e liberta-se das irresponsabilidades da infância, todos os espíritos ainda crianças, ignorantes e virgens, também ingressarão no seio da humanidade angélica e conscientes de sua vida imortal. Esta é a lei: “nenhuma ovelha será perdida do redil do Senhor”.

PERGUNTA: — Quereis dizer que os espíritos angélicos e libertos dos ciclos reencarnatórios são consciências siderais, ou centelhas individualizadas há mais tempo no seio do Cosmo?

RAMATÍS: — Repetimos: cada um de nós é um espírito indestrutível, porque é criado da própria essência divina e eterna, mas variando conforme a idade sideral. Houve um tempo, ou momento, há séculos, milênios, milhões, bilhões ou trilhões de anos do calendário convencional terrícola, em que começamos a existir como “indivíduos diferenciados” no seio da Criação. Assim, existem, simultaneamente, no Universo, tantos espíritos novos e infantis, como antigos e adultos, mas cuja graduação ou gabarito espiritual depende exatamente do

tempo em que eles principiaram a ter noção de existir.

Em todos os instantes da Vida, nascem, surgem ou se iniciam novas consciências, isto é, novos espíritos individualizam-se no Universo e adquirem a noção particular de existir, embora continuem vinculados sempre à fonte criadora Divina. Deus não concede privilégios especiais e extemporâneos, mas proporciona, equitativamente e sem quaisquer preferências ou simpatias, os mesmos ensejos de conscientização e aperfeiçoamento a todas as suas criaturas. Nenhum espírito é, originariamente, superior a outro, mas todos possuem em estado latente o mesmo poderio, a mesma capacidade, sabedoria e o anseio evolutivo rumo à fonte criadora.

As consciências majestosas e interplanetárias dos anjos e arcanjos, que iluminam e nutrem a intimidade psíquica dos orbes e das constelações astronômicas, não passam de entidades emancipadas sob o mesmo processo espiritual e evolutivo que preside a gestação e o desenvolvimento da consciência de todos os filhos de Deus.

PERGUNTA: — Poderíeis explicar-nos, através de algum exemplo mais pessoal, quanto à idade sideral, à natureza e semelhança original dos espíritos?

RAMATÍS: — Quem hoje é um pecador ou diabo, no futuro será anjo ou santo. Assim, Nero ainda será um Jesus, porque Jesus, alhures, pode ter sido um Nero, tanto quanto Hitler ainda será um Gandhi, porque Gandhi, também, poderia ter sido um Hitler. Ante o determinismo do processo evolutivo, que é justo, equânime e sem privilégios para os filhos de Deus, a centelha espiritual mais ínfima do Cosmo um dia há de ser um Logos Solar,^[3] embora essa maturidade sideral só ocorra após a criação e a destruição de alguns universos físicos.

Ainda sob o invólucro de um Tamerlão, ou Gêngis Khan, Deus serve-se dos atributos divinos ali existentes, e modela a criatura à sua imagem. Lenta e inexoravelmente, no residual da própria animalidade, gesta-se a consciência radiosa de um anjo e o comportamento sublime de um santo, tanto quanto no próprio lodo malcheiroso, também brota o lírio ou jasmim perfumados.

[3] Logos Solar: Espírito Planetário do Sol, Consciência Espiritual que centraliza o progresso dos orbes que formam cada constelação solar.

PERGUNTA: — Que dizeis da afirmação de muitos religiosos, e mesmo de alguns espíritas e umbandistas, que temerosos de cometerem sacrilégios acham que o espírito de Jesus evoluiu absolutamente em “linha reta”?

RAMATÍS: — Sem dúvida, Jesus é atualmente o nosso Irmão Maior, a entidade mais sublime no governo do orbe terráqueo. É o guia que através do Código Moral do Evangelho conduz o homem à Realidade Divina. Espírito indefinível para nós que mal iniciamos a jornada do bem, é o “Caminho, Verdade e Vida”, porque viveu em si mesmo, durante o seu desenvolvimento consciencial, os mesmos equívocos, pecados, vícios, deslizes e paixões, que são próprios de toda a humanidade, ainda imatura. Em face do seu progresso espiritual alcançado através de incontáveis encarnações físicas, em orbes que já se transformaram em poeira cósmica, Jesus esquematizou o roteiro para a libertação da humanidade espiritual do planeta Terra, da qual ele é o titular, através do sublime Evangelho. Jesus nasceu, amadureceu e angelizou-se até atingir o magistério divino, defrontando e vencendo em si mesmo pecados, acertos, equívocos, glorificações e frustrações de todos os homens, ao mesmo tempo que cultivava e sublimava as virtudes latentes em seu espírito.

Se a evolução de Jesus tivesse sido diferente dos demais espíritos e especificamente em “linha reta”, desobrigado de quaisquer equívocos ou vacilações, é evidente que Deus teria privilegiado um filho mais simpático com alguma faculdade incomum, virtude excelsa, graça prematura ou sabedoria inata, traindo uma censurável preferência egoística humana.

Essa graça, ou mercê pessoal e divina exclusivamente a Jesus, então, desmentiria a tão propalada Justiça do Criador, que seria assim capaz de praticar atos tão discutíveis e censuráveis, como qualquer homem imperfeito. E o Divino Mestre também não seria o símbolo glorioso ou a matriz fiel da verdadeira conduta humana, mas indigno de ser o Guia da Humanidade em face da extravagância de querer ensinar aos seus alunos aquilo que ainda não aprendeu a viver, nem sofreu em si mesmo.

Enquanto os demais filhos de Deus deveriam seguir pelas sendas tortuosas do sofrimento e das vicissitudes humanas,

a fim de apurar a sua sensibilidade psíquica e lograr a metamorfose do futuro anjo, Jesus então seria um privilegiado tele-dirigido por um “radar espiritual” capaz de guiá-lo tranquila e corretamente pelos labirintos educativos mais complexos e dolorosos da vida física. Jamais ele poderia depois distinguir o certo do errado, o autêntico do falso, o sadio do enfermo, ou o bem do mal, sem participar dos problemas graves e atrozes de todos os homens. E Jesus nada mais seria do que um robô, ou fantoche movido pelos cordéis divinos, numa prematura e injustificável promoção sideral.

Aliás, não há desdouro algum para Jesus ter evoluído sob o regime da mesma lei a que se sujeitam todos os demais espíritos. Mas é justamente o fato de ele ter alcançado o conhecimento e, também, a sublimação, através das incontáveis vidas físicas, que o consagra digno de guiar e salvar a humanidade. A sua vida e paixão, martírio que terminou na cruz, é o esquema do verdadeiro comportamento que o homem deve adotar diante de todas as lutas, tragédias, explorações, pilhagem e ingratidões entre os seus próprios irmãos imaturos.

PERGUNTA: — Mas é certo que o Mestre Jesus sofreu, realmente, o seu calvário até o sacrifício da cruz. Não é assim?

RAMATÍS: — A paixão de Jesus e o seu holocausto na cruz constituíram a imorredoura lição de um Avatar, ou Mentor Sideral, quando deve plasmar na face de um orbe físico, como é a Terra, o esquema educativo e a síntese dos ciclos encarnatórios educativos, que promovem a libertação dos espíritos e os desvinculam da vida animal.

Conforme escrevemos em obra anterior,^[4] o verdadeiro sacrifício de Jesus não foi apenas durante aquelas horas

[4] N. do M. - Vide a obra *O Sublime Peregrino*, cap. 2, “Jesus e sua Descida à Terra”, de que destacamos o seguinte trecho: “É um equívoco da tradição religiosa considerar que o supremo sacrifício de Jesus consistiu essencialmente na sua paixão e sofrimento compreendido entre a condenação de Pilatos e o holocausto da cruz. Se o verdadeiro sacrifício do Amado Mestre se tivesse resumido nos açoites, nas dores físicas e na sua crucificação injusta, então os leprosos, os cancerosos, os gangrenosos deveriam ser outros tantos missionários gloriosos e eleitos para a salvação da humanidade. Os hospitais gozariam da fama de templos e viveiros dos “ungidos” de Deus, capazes de salvar a humanidade dedicando a ela suas dores e gemidos lancinantes. Milhares de homens já têm sofrido tormentos mais atrozes do que as dores físicas suportadas por Jesus naquela terrível sexta-feira, mas nem por isso foram consagrados como salvadores da humanidade”.